

Editorial

Henrique Moura
Jacqueline Kaczorowski
João Luiz Xavier Castaldi
Renata Carvalho
Viviane Carvalho Lopes¹

Com muita satisfação apresentamos o número 29 da Revista Crioula, cujo dossiê é intitulado “Estudos comparados hoje”. Fruto de esforço coletivo que responde a um contexto de crescentes desafios, a continuidade da publicação de nosso periódico acadêmico é parte de um compromisso com a sociedade do qual a universidade nunca pode se abster, sobretudo em momentos urgentes.

Os leitores notarão que a tônica da edição, à semelhança da vocação do Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, é a pluralidade, apresentando objetos estéticos variados e produzidos em muitos espaços distintos, tecendo discussões teóricas e críticas diversas, mobilizando uma profusão de repertórios. A inventividade que caracteriza o trabalho artístico se vê contemplada na multiplicidade, que vem lembrar que a criatividade é importante não só à evasão, mas também à elaboração de novos olhares críticos que contribuem com a compreensão do real, sempre iluminando, ainda que de forma indireta, questões pungentes.

Abrindo a edição, o artigo mestre de Luca Fazzini, “Atlântica - A literatura comparada entre margens oceânicas”, discute alguns dos desdobramentos contemporâneos dos Estudos Comparados por meio de uma abordagem diaspórica, “voltada para as experiências em trânsitos de autores e obras pelo espaço fluido do Atlântico”, interrogando “os limites do paradigma nacional no estudo da literatura” e buscando

¹ As editoras e os editores são discentes do Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH – USP).



“traçar as coordenadas de um comparativismo que questione (e ultrapasse) as persistências coloniais na contemporaneidade”.

A diáspora também é contemplada pelo trabalho de Rute Lages Gonçalves e Algemira de Macedo Mendes, “A memória e a construção da identidade negra no romance *Esse Cabelo*, de Djaimilia Pereira de Almeida”, que reflete sobre a importância das memórias individuais e coletivas na construção da autoimagem da protagonista que, assim como a autora do romance, migrou ainda criança de Angola a Portugal. Num percurso iluminado por teóricos como György Lukács, Frantz Fanon e Homi Bhabha, o texto revisita uma das grandes questões pós-coloniais: o empenho em libertar-se das classificações redutoras impostas pelo racismo do colonizador.

Complexas relações raciais e desdobramentos do lado de cá do Atlântico são tocados pelas reflexões de Zé Mariano. Em “Os discursos da negritude: Reflexões acerca da literatura afro-brasileira”, o autor introduz questionamentos a conceitos já consolidados da denominada “literatura afro-brasileira” e propõe outros quatro inovadores conceitos (“eixos discursivos”) para balizar análise e interpretação de produções de autores negros e mestiços.

Do outro lado deste oceano, Angola é contemplada pelo artigo de Fernanda Sampaio Gomes dos Santos, que, em “Poesia, experiência e memória: apontamentos sobre a ficcionalização do ‘eu lírico’ na obra de Ana Paula Tavares”, expõe uma discussão teórica acerca deste “sujeito textual” frequentemente confundido com a figura do autor e, munida destas ideias, desenvolve uma reflexão sobre a produção poética da renomada escritora angolana.

Já o Índico é representado por Moçambique no texto de Jaqueline Oliveira e Isaac Ramos, “Noémia de Sousa e José Craveirinha: uma poética de resistência”, que recupera a importância dos dois intelectuais e artistas no processo de construção da nação e sua libertação contra a dominação colonial portuguesa. Mobilizando um repertório que reúne teóricos como Edward Said, Kabengele Munanga, Benjamim

Abdala Junior e Alfredo Bosi, o trabalho procura demonstrar como a poesia ajuda a despir o colonialismo de sua aura civilizatória, revelando sua violência.

Os demais artigos focalizam obras literárias brasileiras sob diversas perspectivas teóricas e críticas. Denise Rocha, em “*Os Retirantes (1879)*, de José do Patrocínio: texto fundador da literatura da seca”, apresenta o romance, que descreve por um viés fortemente anticlerical a seca do final dos anos 1870 no Ceará, a corrupção, as doenças e a promiscuidade que a ela sobrevieram; bem como sua fortuna crítica. Para a análise das paisagens degradadas são mobilizadas reflexões do geógrafo Yi-Fu Tuan e a argumentação visa demonstrar o pioneirismo de José do Patrocínio no retrato naturalista da estiagem, que se tornaria tema recorrente nas letras nacionais.

Cesar Marcos Casaroto Filho, autor de “O ‘eu-Desconhecido’ em Cecília Meireles”, elege reflexões de Charles Baudelaire, Friedrich Nietzsche, Gilles Deleuze, Giorgio Agamben e Vladimir Safatle para mergulhar na produção da voz poética da obra *Cânticos*. A poesia é também objeto de “Eu não voltava pra lá mas é nunca - Escrita como prática de vida em *Cine Studio 33*, de Estela Rosa”, da autoria de Caio Arnizaut Riscado, que aborda a materialidade da publicação para propor a “noção de ‘dramaturgia do livro’”.

Jessé Carvalho Lebkuchen e Jian Marcel Zimmermann, em “Silenciamentos, invisibilidades e subversões de gênero em *A vida invisível de Eurídice Gusmão*, de Martha Batalha”, analisam a diversidade de silenciamentos, subversões e experiências de gênero presentes no romance, sugerindo que a literatura brasileira contemporânea tem sido cada vez mais ocupada por vozes outrora abafadas.

“Uma adaptação à brasileira”, de Antonio Augusto Castro do Nascimento, faz um balanço da atualização do célebre conto *João e Maria* na versão do “Programa Conta Pra Mim”, iniciativa do governo federal atrelada ao Plano Nacional de Alfabetização e lançada em 2019. Ao propor o cotejo entre a narrativa registrada pelos irmãos Grimm no século XIX e sua versão apresentada pelo MEC, o trabalho leva a



pensar sobre a visão de mundo que subjaz às escolhas do “Conta Pra Mim” – afinal, cada nova adaptação tende a revelar algo sobre o contexto em que foi produzida.

Por fim, “De peixe a humano: Metamorfozes e interações entre animais e humanos em duas narrativas da obra *Murūgawa*”, de Marina Almeida Simões do Nascimento, analisa como o pensamento indígena sobre o mundo se revela tanto no enredo quanto na forma de narrar duas histórias breves, publicadas no livro de Yaguarê Yamã, de origem Maraguá. Apoiando-se nos estudos literários e na antropologia, sobretudo na teoria do perspectivismo ameríndio de Eduardo Viveiros de Castro, são postos em evidência cenários em que homens e animais são igualmente sujeitos e dotados de humanidade, guerreando e colaborando entre si.

A edição conta, ainda, com uma resenha de *A Bela e a Fera: um conto*, da autoria de Paulo César Ribeiro Filho, e uma entrevista realizada por Mário César Lugarinho e Caio Jade Puosso Cardoso Gouveia Costa. Em “Entrevista sobre lógica e gênero com Gabrielle Weber, Vitor Ian Miranda e Erick Gregner”, o bate-papo entre os autores e os entrevistados busca trazer luz a outras perspectivas para os estudos de gênero, a partir de reflexões sobre linguagens lógicas, matemáticas e semióticas não conformadas à normatividade. Os questionamentos sobre modelos binários, assim, surpreendem os leitores habituados às ciências humanas ao trazer à discussão também repertórios de outras ciências, que enriquecem o debate.

Para concluir fazendo jus àquele que é sempre objeto central dos trabalhos, a produção literária, convidamos todos à apreciação dos poemas de Daniel Cardoso Alves e Marcelo Calderari Miguel, que fecham o volume.

Desejamos uma ótima leitura!